ISSN 1983-9979
prolíngua

A INFLUÊNCIA DE ASPECTOS DA MORFOLOGIA TIKUNA NA VARIEDADE DE PORTUGUÊS INDÍGENA FALADA COMO SEGUNDA LÍNGUA

THE INFLUENCE OF TIKUNA MORPHOLOGICAL ASPECTS ON THE VARIETY OF INDIGENOUS PORTUGUESE SPOKEN AS A SECOND LANGUAGE*

NHAÃ PURACÜ RÜ NAGU NIDE'A NA NHUÃCÜ A TORAÜATCHIÜ NHEGUMA TIKUNA NAWA I DEAGU I PORTUGUÊS

Ligiane Pessoa dos Santos Bonifácio[1]

RESUMO: Este artigo investiga a influência da estrutura da língua Tikuna sobre a variedade de português falada por professores indígenas residentes em comunidades do município de São Paulo de Olivença, no Alto Solimões (AM). Partindo da perspectiva dos estudos sobre contato linguístico e aquisição de segunda língua, analisa-se um conjunto de fenômenos morfossintáticos identificados em dados de fala de vinte e três professores Tikuna, buscando compreender em que medida tais ocorrências decorrem da transferência de padrões estruturais da língua materna, de estratégias universais de aquisição de L2 ou da incorporação de condicionamentos já presentes em variedades do português brasileiro. Os resultados evidenciam que grande parte das variações observadas pode ser explicada pela influência da gramática Tikuna, especialmente no que se refere à organização morfossintática, embora também se verifiquem processos comuns ao desenvolvimento de segundas línguas e padrões compartilhados com variedades populares do português. Ao descrever e analisar essas características, o estudo contribui para a compreensão do português indígena amazônico e oferece subsídios para reflexões sobre políticas linguísticas e práticas de ensino de português como segunda língua em contextos indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: Contato Linguístico. Aquisição de Segunda Língua. Variação Morfossintática. Português Indígena Tikuna.

ABSTRACT: This article investigates the influence of the Tikuna language structure on the variety of Portuguese spoken by Indigenous teachers living in communities in the municipality of São Paulo de Olivença, in the Upper Solimões region of the Brazilian Amazon. Drawing on studies of language contact and second language acquisition, it analyzes a set of morphosyntactic phenomena identified in speech data collected from twenty-three Tikuna teachers, seeking to determine the extent to which these features result from first-language transfer, universal second language acquisition strategies, or patterns already found in other varieties of Brazilian Portuguese. The findings indicate that most of the observed variations can be explained by the influence of Tikuna grammar, particularly with regard to morphosyntactic organization, although they also reflect processes common to second language development and patterns shared with non-standard varieties of Brazilian Portuguese. By documenting and analyzing these linguistic features, the study contributes to a better understanding of Indigenous Portuguese varieties in the Amazon and provides support for discussions on language policies and Portuguese as a second language teaching practices in Indigenous educational contexts.

KEYWORDS: Language Contact. Second Language Acquisition. Morphosyntactic Variation. Tikuna Indigenous Portuguese.

* Data de Submissão: 02.07.2026 – Data de Aceite: 28.09.2026 | DOI: 10.22478/ufpb.1983-9979.2026v21n1.79613

[1] Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Amazonas - PPGL/PROFLETRAS UFAM – contato: ligiane@ufam.edu.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-9507-0145.

ISSN 1983-9979
prolíngua

IRAÃTCHI / ŬTCHI: Rü nhaã ngu’ rü natchigaca’ nadau na nguãcü inanuũ i norü deagü norü conüwa i Tikunagü na tomaãcü ya deagütchigü nawa i tomagüga i ngema nguetaeruũgü i maĩyugü ya ĩanewa ya tchopuru arü naãnewa maẽũ, tatü i tchorimaũ eruwa. Rü nawa inaügüãcü i ngema ngu’ natchiga na nhuãcü toma i conü natanüwa nguũ rü nhumatchi nayaugüãũ ya norü tare ya conü, rü nüŭtafa’ na muŭma i nacüma ngemaŭ rü namairüũŭ i norü deagüwa i ngema gumepü arü gucutü arü tamaẽpü i nguetaruũgü i mayugü i Tikunagü, rü ngemaca name na nüŭ i faŭ i ngema nacümagü nanangupetü nanagu i norü deagü i maiyugü, rü nhumatchi nanayaugüãŭ i nacümagü i gumepü arü tare rü ena nanayaugüãŭ i nacümagü i marü ngemaŭ natomaãcü ideagütchigüŭ nawa i tomagüga i brasiuwa maẽŭ. Rü ngema nawa nüŭ ifaŭ i ngema nacüma na tomaãcü ya deagüŭtchigüŭ i Tikunagü rü ngegüma inangu’gügu rü nagaguniĩ i nacüma na nhuãcü inanuŭ i norü deagü i Tikunagügawa, rü nhumatchita’ nagaguniĩ nayaporatchigüŭ rü daunawa yaũtchigüŭ ya norü tare ya conü, rü nhumatchi nagagü i nacümagü na nüŭ nangemaŭ na tomaãcü nayadeagüŭ i tomagügawa. Rü nainaümatüŭ rü inanangugüŭ i ngema nacümagü, nhaã ngu’ rü tüŭ nüŭ nafaẽẽ i tomagüga nuã amazonawa rü tünanaã i ngüẽẽ nanagu rü ĩnüŭca na nhuãcü inangemaŭ i conügütchiga rü nhumatchi nhuãcü nama ingueẽtaeŭ i tomagüga na norü tare i conüyaĩŭ i maĩyugü i Tikunagü tanüwa.

ORE I NORÜ ŪTCHITCHIGA: Nügütanügu natchocuū ya conügü. Nayauū ya norü tare ya conü. Nacümagü iya tomaraūtchigüū na ideaū naī ya conüwa. Tchoūgūarü conü maīyugü iticunagütanüwa.

1 Introdução

Este trabalho tem como objetivo investigar os fatores que condicionam a ocorrência de fenômenos morfossintáticos na variedade de português resultante do contato entre a língua Tikuna e o português brasileiro na região do Alto Solimões, no estado do Amazonas. Partindo do pressuposto de que situações de contato linguístico produzem sistemas marcados por processos complexos de transferência, reanálise e acomodação estrutural, buscamos compreender em que medida as características observadas nessa variedade refletem a influência da gramática da língua Tikuna, estratégias universais de aquisição de segunda língua e condicionamentos compartilhados com outras variedades do português brasileiro.

Para tanto, analisamos dados de fala registrados em entrevistas realizadas com vinte e três professores indígenas Tikuna que atuam em comunidades pertencentes ao município de São Paulo de Olivença, localizado na mesorregião do Alto Solimões. A escolha desse grupo justifica-se pelo fato de se tratar de sujeitos que transitam continuamente entre diferentes práticas sociolinguísticas, ocupando uma posição estratégica na mediação entre os espaços comunitários indígenas e as instituições da sociedade envolvente, especialmente o sistema educacional.

Nas comunidades Tikuna, a alfabetização ocorre predominantemente na língua materna, sendo o português introduzido, em geral, a partir do quinto ano do ensino fundamental e permanecendo como componente curricular ao longo dos demais níveis de escolarização ofertados pelas escolas indígenas. Nesse contexto, o português é adquirido como segunda língua e assume funções sociais específicas, tornando-se o principal instrumento de interlocução com falantes não indígenas em diferentes esferas da vida social e institucional.

É por meio desse segundo código que os Tikuna participam de processos de escolarização em ambientes urbanos, acessam o ensino médio e superior, estabelecem relações com órgãos públicos e instituições estatais, realizam atendimentos de saúde, movimentam serviços bancários e administrativos, defendem direitos territoriais e coletivos, além de desenvolverem inúmeras outras atividades indispensáveis à sua inserção nas dinâmicas contemporâneas da sociedade brasileira. Em consequência, o domínio do português representa não apenas uma necessidade comunicativa, mas também um importante recurso de participação social e exercício da cidadania.

Nesse cenário, compreender as formas assumidas pelo português falado pelos Tikuna ultrapassa o interesse estritamente descritivo da linguística. Trata-se de um conhecimento que pode subsidiar políticas linguísticas comprometidas com o reconhecimento do bilinguismo indígena, orientar propostas de ensino de português como segunda língua mais adequadas às especificidades socioculturais dessas populações e contribuir para a formulação de práticas pedagógicas que respeitem os processos naturais de aquisição decorrentes do contato entre línguas estruturalmente distintas.

A relevância desta investigação também se justifica pelo persistente preconceito linguístico enfrentado pelos povos indígenas. Frequentemente, características prosódicas, fonéticas, lexicais e morfossintáticas decorrentes da influência da língua materna são interpretadas como sinais de deficiência linguística ou de incapacidade cognitiva, quando, na realidade, constituem manifestações legítimas de repertórios bilíngues construídos em contextos históricos específicos de contato linguístico. Esse processo de estigmatização, amplamente reproduzido tanto no âmbito local quanto em discursos sociais mais amplos, acaba por reforçar estereótipos sobre as identidades indígenas e invisibilizar a complexidade de seus processos linguísticos.

Sob essa perspectiva, o presente artigo parte da compreensão de que as variedades de português indígena constituem objetos legítimos de investigação científica e representam importantes testemunhos dos processos de contato linguístico que caracterizam a diversidade sociolinguística brasileira. Com o propósito de explicar as possíveis motivações para os fenômenos morfossintáticos identificados na fala dos professores bilíngues participantes da pesquisa, apresentamos inicialmente algumas considerações sobre aspectos da morfologia e da sintaxe da língua Tikuna para, em seguida, analisar de que maneira tais propriedades estruturais podem contribuir para explicar padrões recorrentes observados na variedade de Português Tikuna aqui investigada.

2 Aspectos morfológicos e sintáticos da Língua Tikuna

No que se refere à classificação linguística, Soares (2017) afirma que a língua Tikuna permanece considerada uma língua isolada, não apresentando relação comprovada de parentesco com qualquer outra língua indígena. Essa classificação está em consonância com os estudos de Rodrigues (1970) e Nimuendajú (1952).

Do ponto de vista tipológico, o Tikuna caracteriza-se como uma língua nominativo-acusativa. Embora apresente uma ordem básica Sujeito-Objeto-Verbo (SOV), a organização dos constituintes da sentença é relativamente flexível, permitindo diferentes configurações sintáticas, inclusive construções com ordem SVO, conforme demonstram Soares (1992a, 2000).

Essa flexibilidade decorre da coexistência de dois princípios de organização: um parâmetro estrutural básico e um sistema diversificado de manifestação casual. O parâmetro estrutural é do tipo núcleo final, manifestando-se por meio da predicação, da atribuição de papéis temáticos e da atribuição de casos estruturais à esquerda. Paralelamente, a língua dispõe de diferentes mecanismos de marcação de caso, incluindo casos estruturais (nominativo e acusativo), casos morfológicos, casos realizados por meio de cadeias com clíticos e casos expressos por modificações na forma verbal.

No âmbito dos casos estruturais, o nominativo manifesta-se por meio da concordância. Na análise proposta por Soares (1992a, 2000), essa concordância é entendida como expressão da relação de predicação, e não como um elemento contido na categoria Flex. O caso acusativo, por sua vez, é atribuído por regência verbal ou por posposições, sendo condicionado pela adjacência entre o constituinte e o respectivo regente.

Segundo Soares (1992a, 2000), os casos não estruturais estão diretamente associados ao rompimento da ordem estrutural básica da língua. Entre esses mecanismos destacam-se as modificações na diátese verbal, que se manifestam pela presença de marcas internas de objeto direto. Em determinados contextos, essas marcas podem sofrer redução em decorrência da incorporação do clítico ao verbo.

Além da distinção entre parâmetro estrutural e manifestação casual, o Tikuna estabelece uma clara diferenciação entre predicado e adjunto. Os adjuntos são gerados na base e incluem estruturas como sintagmas nominais posicionados após o núcleo, elementos tradicionalmente classificados como adjetivos, orações relativas e sintagmas adverbiais não argumentais. A distinção entre constituintes argumentais e adjuntivos exerce papel decisivo na determinação da ordem sintática, uma vez que o posicionamento dos elementos em relação ao núcleo depende de sua função temática e de sua natureza sintática.

No que concerne ao sistema verbal, Soares (1992a, 2000) observa que as modificações na forma do verbo fazem dele uma importante fronteira estrutural da língua. Em Tikuna, o argumento interno não é simplesmente posicionado à direita do verbo, havendo uma estreita conexão entre o verbo e seu complemento nominal. Essa relação íntima entre Objeto (O) e Verbo (V) manifesta-se, entre outros aspectos, pelo comportamento de determinadas marcas morfológicas que, quando ocorrem fora do sintagma verbal, readquirem autonomia e passam a funcionar como posposições, deixando de atuar como afixos verbais.

Ainda segundo Soares (1992a, 2000), tanto as modificações na forma verbal quanto a estreita relação entre objeto e verbo evidenciam que o verbo desempenha um papel central na organização sintática da língua. Além de constituir uma fronteira estrutural, ele funciona como núcleo da sentença, sendo responsável pela projeção de propriedades sintáticas e pela determinação de diversos comportamentos estruturais. Nesse sentido, grande parte das análises sobre a sintaxe do Tikuna encontra-se diretamente relacionada à Teoria do Caso.

Outro aspecto relevante é a presença de um tópico sentencial morfologicamente marcado, situado na margem esquerda da oração. Além disso, a língua possui um sistema complexo de clíticos e um sistema particular de marcação temporal. Os clíticos são característicos de línguas pro-drop, isto é, línguas nas quais o sujeito pode ser fonologicamente nulo e representado abstratamente pela categoria pro em orações finitas declarativas e interrogativas. Embora o Tikuna apresente essa característica, ainda se faz necessária uma investigação mais aprofundada sobre as categorias funcionais que atuam como sítios de adjunção desses clíticos.

No que se refere à categoria Tempo, Soares (1992a, 2000) demonstra que ela não constitui, em Tikuna, uma categoria funcional à qual os clíticos possam se adjungir, diferentemente do que ocorre em línguas como o grego e as línguas românicas padrão. Essa particularidade possui importantes implicações para a teoria gramatical: no caso do tópico, suscita discussões sobre a assimetria entre sujeito e objeto; no caso do Tempo, levanta questões relativas ao seu estatuto categorial nas línguas naturais.

Apresentados alguns aspectos morfológicos e sintáticos da língua Tikuna, passa-se, na seção seguinte, à discussão dos fenômenos morfossintáticos que caracterizam a variedade de português resultante do contato entre o Tikuna e o português.

3 Aspectos da variação morfossintática no português falado por professores tikuna

Nesta seção, apresentamos parte dos resultados de um estudo desenvolvido sobre a variedade de português falada por professores Tikuna, cujas análises integraram um dos capítulos de nossa tese de doutorado. O objetivo é descrever e discutir alguns fenômenos

morfossintáticos característicos dessa variedade linguística, evidenciando marcas decorrentes do contato entre a língua Tikuna e o português.

Os dados analisados foram gerados a partir de entrevistas e relatos de vida realizados com vinte e três professores Tikuna atuantes em comunidades indígenas da região do Alto Solimões. O corpus totalizou nove horas, quinze minutos e trinta e seis segundos de gravação, constituindo uma base representativa para a descrição e análise dos fenômenos investigados.

A partir desse conjunto de dados, foram identificados diferentes padrões de variação morfossintática, cuja descrição e discussão são apresentadas nas subseções seguintes.

3.1 Omissão de verbos

Um dos fenômenos observados no corpus corresponde à omissão de verbos, tanto de ligação quanto de ação, em determinados contextos sintáticos. As ocorrências desse fenômeno foram registradas exclusivamente entre participantes classificados nas faixas de baixa e média fluência em português, sugerindo uma possível relação entre esse comportamento linguístico e o grau de proficiência na segunda língua. Os exemplos e a análise dessas ocorrências são apresentados a seguir.

3.1 a) porque as professora[ø] que estudei [v][2] daqui do município. (B.S.G./56. FEM.)
3.1 b) do[j] mil e três [v] fazendo segunda séria. (H.A.R./38. MASC.)
3.1 c) ... aí primeiro ano já [v] pra cá. (H.Z.M./34. MASC.)
3.1 d) ... eu [v] trabalhando hoje. (M.F.C./41. MASC.)

Em Tikuna, a construção do SV que expressa a ideia de uma ação progressiva se manifesta por meio do morfema aspectual (i-), que é acrescido antes do prefixo pessoal subjetivo e se manifesta na margem esquerda do verbo, conforme exemplo que reproduzimos abaixo:

Tchama	rü	i-	tcha-wiyae	‘eu estou cantando’
	1PS	TÓPICO	PROGR-	1PS-cantar
	(cf. tcha-wiyae ‘eu canto/cantei’)			

Como se pode observar, diferentemente do português, no qual a expressão do aspecto progressivo é realizada por meio de um sintagma verbal composto por um verbo auxiliar e um verbo principal flexionado no gerúndio, em Tikuna não há construções formadas por essa combinação verbal. Nessa língua, a noção de progressividade é codificada morfologicamente pela inserção do morfema aspectual i- diretamente no verbo, dispensando o emprego de um verbo auxiliar. Essa diferença estrutural entre as duas línguas constitui um aspecto relevante para a compreensão de determinados fenômenos observados no português falado por indivíduos Tikuna, especialmente aqueles relacionados à omissão de verbos auxiliares em construções de aspecto progressivo.

Essa diferença entre os padrões estruturais do português e do Tikuna pode, em nossa análise, favorecer a omissão do verbo de ligação em sentenças produzidas em português, como em **3.1 b** e **3.1 d**, uma vez que a expressão de progressão já se fez presente no verbo principal, acrescentando-se o sufixo –ndo.

Quanto à omissão de verbos como nas sentenças **3.1 a** e **3.1 c**, esta se apoia no preenchimento de informação favorecido pela oralidade e pelo auxílio de gestos, que podem, facilmente, ajudar na recuperação da informação omitida.

[2] [v] evidencia a lacuna que poderia ser preenchida com um verbo.

3.2 Variação na marcação da flexão de número nos sintagmas nominais

Na língua Tikuna, a indicação de número que expressa a quantidade "mais de um" é feita por meio da partícula *gü*, que se posiciona à direita do nome (*oregü* 'histórias'; *werigü* 'pássaros'; *yatügü* 'homens'; *aegacügü* 'governos').

Vejamos, a seguir, exemplos de como ocorre a flexão de número no interior do sintagma nominal, em sentenças produzidas em língua portuguesa pelos participantes da pesquisa.

3.2 a) nós somo[ø] **cinco irmão[ø]**. (B.S.G./56. FEM.)
3.2 b)...e ficou **dois cadeira[ø] efetiva[ø]** agora. (J.M.G./40. MASC.)
3.2 c)... aí que eu tô conseguindo trabalhando com **as criança[ø]**. **(**N.C.FR./28. FEM)
3.2 d)...**as palavra[ø]** que **tá escrito** na bíblia. (E.D.I./33. MASC.)
3.2 e)... pra melhor educação **na comunidades**. (P. B.M./33. MASC.)
3.2 f)... eles criavam **os animais de vários tipos**. **(**W.A.S./51. MASC.)

As sentenças acima foram extraídas da amostra de nossos dados, como exemplos que ilustram a variação de fala analisada por nós. Nessa amostra, constatamos que a marca explícita de plural ocorre: i) com elevada frequência, apenas no primeiro dos elementos flexionáveis do SN, como em 3.2 c e 3.2 d; ii) com baixíssima frequência, em todos os elementos flexionáveis do SN como em 3.2 f; iii) com elevada frequência, em nenhum dos elementos flexionáveis do SN, quando antecedidos por um numeral que indica quantidade mais de um, como em 3.2 a e 3.2 b e iv) com raras ocorrências, no elemento à direita do SN, como em 3.2 e.

A concordância nominal é um fenômeno variável no PB e muitos estudiosos têm se debruçado sobre esse tema. Dentre os estudos que versam sobre a concordância variável de número entre elementos do sintagma nominal e que abarcam as variedades do português como L1, podemos citar, entre outros, os de Braga e Scherre (1976), Scherre (1978, 1994); Vieira e Brandão (2014). E, dentre aqueles estudos que abarcam as variedades do português como L2, podemos citar, entre outros, os de Fernandes (1996), Loureiro (2005), Baxter (2009), Souza e Amado (2011), Brandão (2015) e Ribeiro (2018).

Scherre (1994), no texto *Aspectos da Concordância de Número no Português do Brasil*, ilustra alguns exemplos de estruturas analisadas por ela em 1988 e obtidas por meio do banco de dados do Corpus Censo do grupo PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua). A pesquisadora extraiu da amostra todos os sintagmas nominais plurais passíveis de variação não prevista pela tradição gramatical brasileira. Dentre as estruturas analisadas, há aquelas que se assemelham às produzidas pelos nossos participantes, conforme exemplificamos acima, com exceção do exemplo 3.2 e.

De acordo com Scherre (1994), e de tantos outros estudiosos que se debruçam acerca da concordância nominal, as variedades populares do português brasileiro manifestam a tendência a marcar expressamente o número plural no(s) primeiro(s) elemento(s) do sintagma nominal. Portanto, o emprego da flexão de número no interior do sintagma nominal em sentenças realizadas pelos Tikuna no(s) primeiro(s) elemento(s) do sintagma nominal pode estar relacionado à maneira como eles estão aprendendo/aprenderam o português.

Por outro lado, o exemplo 3.2 e, ainda que tenha sido raramente encontrado em nossa amostra, ilustra a existência da variação na concordância de número que apresenta marcas de flexão na posição à direita do nome determinado, diferentemente do padrão do PB, mas semelhante ao padrão Tikuna, conforme demonstramos no início da seção. Os dados presentes nos trabalhos de Amado (2015); Christino e Lima e Silva (2012); Christino e Silva (2017), que versam sobre as variedades de português indígena dos povos Timbira, Kaingang e Huni-Kuin, respectivamente, também apresentam a marcação expressa de plural apenas no elemento que se encontra mais à direita do sintagma nominal. Em todos esses trabalhos, as autoras consideram

ISSN 1983-9979
prolíngua

essa marcação como sendo uma forma peculiar de expressão de concordância ligada às características estruturais das línguas indígenas, que apresentam a marcação de plural à direita, como é o caso da língua Tikuna também.

3.3 Variação na concordância verbal

Na língua Tikuna, a flexão que marca o número e a pessoa ocorre na margem esquerda do verbo, diferentemente do padrão morfológico do português, em que o morfema indicador de número e pessoa se manifesta na margem direita do verbo. Veja alguns exemplos em Tikuna.

Yeguma tchi – üé[3] 'Naquele tempo eu embarquei'
naquele tempo 1PS. embarcar

Reinaldo airu ni-ma'[4] 'Reinaldo matou o cachorro'
Reinaldo cachorro 3PS. matar

Nos dados analisados por nós, evidenciamos variação na marcação (ou não) da concordância verbal, conforme explicitamos a seguir.

3.3.1 No emprego da primeira pessoa do singular

Identificamos, nos dados de fala dos professores Tikuna, a variação na concordância verbal no emprego da primeira pessoa do singular, sendo recorrente o uso do pronome de primeira pessoa do singular acompanhado de forma verbal na terceira pessoa.

3.3.1 a) ... pouquinho de minha história **eu fala** pra meu aluno. (J.M.G./40. MASC.)
3.3.1 b)... por causa disso que **eu desistiu**. (B.S.G./56. FEM.)
3.3.1 c) **Eu fez** um processo seletivo de novo aí **passou**. (J.O.C. 29/MASC.)
3.3.1 d)... **eu** sempre **fala** na língua Tikuna. (E.A.L./29. FEM.)

Tal como ocorre com a concordância variável de número entre elementos do sintagma nominal, a concordância variável entre os elementos do sintagma verbal também tem sido objeto de vários estudos por pesquisadores brasileiros que investigam as variedades regionais e sociais do PB, sendo recorrente o estudo com as regras de concordância da primeira e terceira pessoa do plural e, menos recorrente, da segunda pessoa do singular.

No Brasil, a regra de concordância de primeira pessoa verbal é tida como categórica (cf. Emmerich, 1984; Baxter, 2009) e não tem sido alvo de muitos estudos, restringindo-se a pesquisas que versam sobre traços característicos de língua de contato, como, por exemplo, o de Emmerich (1984), que trata da língua de contato no Alto Xingu e os de Ferreira (1994) e Baxter & Lucchesi (1997), que identificam a existência de crioulização no português brasileiro.

Em nosso trabalho, concebemos essa variação na concordância da primeira pessoa verbal, recorrente na fala dos professores Tikuna participantes de nossa pesquisa, como sendo motivada pela diferença entre o padrão morfológico entre as duas línguas.

Além da variação no emprego da primeira pessoa do singular, mais presente em falantes de português como segunda língua ou língua estrangeira, também identificamos outras variações, estas também presentes em outras variedades de português, inclusive faladas como L1. A seguir, exemplificamos a variação encontrada em nossa amostra.

Com pouca ocorrência, identificamos variação verbal no emprego da primeira pessoa do plural:

[3] Extraído de Soares (2000, p. 57).

[4] Extraído de Soares (2000, p. 26).

3.3.1 e)...**nós tem** dúvida. (H.Z.M./34. MASC.)
3.3.1 f) **nós vai seguir** a caminho pra levar o futuro pra melhor educação. (P. B.M./33. MASC.)

Com baixa ocorrência, também identificamos variação verbal no emprego da terceira pessoa do plural:

3.3.1 g)... não **trabalha professore[ø]** nossa língua. (A.C.A./43. MASC.)
3.3.1 h) **foi eles** que me chamaram. (E.D.I./33. MASC)
3.3.1 i) **os professore[ø] é** de lá. (B.S.G./56. FEM.)
3.3.1 j) **essa dois língua[ø] é** muito importante pra nós. (L.F.D./27. MASC.)

Essa baixa ocorrência no emprego de pessoas do plural pode ser explicada pelo fato de que não controlamos essa variável, além disso, muitos pontos de nossa entrevista se constituíam como relatos de vida, em que era mais utilizada a primeira pessoa do singular, ou seja, a pessoa que estava falando, falava, majoritariamente, em primeira pessoa.

3.4 Não marcação/distinção de tempo na forma verbal

Soares (2000, 2008) defende que em Tikuna, uma categoria como Tempo, que integra teoricamente o nódulo Flexão, é um dêitico que tem por escopo toda a sentença. Essa afirmação é mantida em Soares (2017), com a diferença de que o Sintagma Temporal (TP) é visto como operador, porém não fora da sentença. A manifestação do Tempo se dá por meio de constituintes que se encontram no interior da sentença, mas não no verbo.

Conforme exemplificamos nas orações abaixo, na fala dos professores com os graus de fluência mais baixos, o verbo é, geralmente, flexionado no presente, pretérito perfeito e imperfeito, no entanto, o momento da ação não encontra correspondência nessas flexões. A correspondência do tempo da ação encontra correspondência no uso de itens lexicais **agora, antes, desde pequeno, durante uns tempos.** Em nossa amostra, também identificamos esses tempos sendo frequentemente neutralizados com a forma do infinitivo, como em **3.4 d**.

3.4 a) ... isso **é** minha vida eu sempre **ando** no mato quando **era** mais... mas **tem *nove ano[ø] por aí*** (era/andava/tinha). (L.F.D./27. MASC.)
3.4 b)... e ***durante uns tempos*** também não **entende** bem língua português... ***até agora*** eu **tava** querendo compreender melhor (entendia/ estou). (J.M.G./40. MASC.)
3.4 c).... ***ante*[ø]** não **sei** agora já consegui pouco (sabia/consigo). (J.M.T./30. MASC.)
3.4 d)... esse daí que minha madrinha **co...colocar *no...no tempo de...desde pequeno***. (colocou) (F.A.D./56. MASC.)

Conforme Soares (2017), "não há evidências, no que poderia ser uma sentença encaixada, de engatilhamento de concordância com o tempo de uma oração matriz através de um mecanismo de identificação gramatical" (Soares, 2017, p. 306). No que diz respeito ao Tempo em Tikuna, cabe enfatizar que, no interior da sentença, estão determinados elementos que estão no seu escopo, no entanto, esses elementos não estão no verbo e têm o seu alcance limitado à própria sentença. Em Tikuna, não há imposição de concordância temporal entre uma oração principal e uma oração complemento. Tal fato é compatível com a característica do Tikuna, de ser uma língua que não apresenta sequenciamento temporal (SOT).

Orações com estruturas parecidas como as produzidas pelos participantes Tikuna são apresentadas por Souza e Amado (2011), em orações produzidas em Português Timbira. De acordo com as autoras, a ausência de formas verbais flexionadas no passado é frequente em Português Timbira e a marcação de tempo é estabelecida pelos advérbios. Emmerich (1984) também apresenta o registro com orações parecidas como as apresentadas acima, em orações

ISSN 1983-9979
prolíngua

produzidas em Português Xinguano. Conforme a pesquisadora, para indicar noções de passado, ou ainda, de futuridade, o falante recorre ao uso de determinados itens lexicais, como **antigo, já e amanhã.**

A morfologia verbal, nos dados de nossa amostra, apresenta reduções no seu aspecto modal, temporal e paradigmático e, no nosso entender, essa redução se dá por conta das diferenças entre os paradigmas verbais do Tikuna e do Português com as quais o falante em estágio aquisitivo precisa lidar.

3.5 Omissão de preposições e emprego de preposições divergentes da regência da norma-padrão da Língua Portuguesa

Além das variações que apresentamos acima, identificamos em nossa amostra outros exemplos que podem estar associados a uma tendência de uso de determinadas estruturas na segunda língua por conta da estrutura da primeira língua.

Observamos, com bastante frequência, a omissão de preposições e o emprego de preposições divergentes da regência da norma-padrão da língua portuguesa. Vejam-se as sentenças abaixo.

3.5.1 Omissão de preposições

3.5.1 a) Vendaval é longe (da) cidade aí. (A.C.A./43. MASC.)
3.5.1 b) Pergunta (para o/ao/pro) José Patrício, né? (F.A.D./56. MASC.)
3.5.1 c) Eu nasci (em) Juí. (J.M.T./30. MASC.)
3.5.1 d)... já me mandar (para) lá. (L.F.D./27. MASC.)
3.5.1 e)...estudei (na) comunidade de santa [ɾ]ita. (O.B.A./54. MASC.)

3.5.2 Emprego de preposições divergentes da regência da norma-padrão da língua portuguesa

3.5.2 a)... lá, eu estudei ***dos*** (com os) meus professores daqui do município. (B.S.G./56. FEM.)
3.5.2 b)... comecei ***de*** meu estudo quando eu tô com nove ano[ø]. (N.C.FR./28. FEM.)
3.5.2 c)...moramo[ø] ***de*** (por) muito tempo. (O.B.A./54. MASC.)
3.5.2 d)... o pessoal não tem **pra** (de) onde tirar água. (L.F.D./27. MASC.)

Em Tikuna, conforme Soares (1992, 2000), no interior de sintagmas adverbiais, pode-se considerar a condição de posposição, sendo **gu** a posposição que assume a função de locativo (lugar dentro); **wa** também locativo (lugar em, para); **ca'** indica causa (por causa de) e **ma'ã** significa 'com'. Veja os exemplos abaixo:

napa i weawa 'na rede velha'
3p.-rede x velha-locativo

guma berureca' 'por causa daquela abelha'
dêitico abelha-por

Tendo em vista a diferença estrutural quanto ao uso de preposições em sintagmas adverbiais na língua portuguesa e o uso de posposições em sintagmas adverbiais em Tikuna, é possível que o falante Tikuna, ao produzir sentenças em português que demandem o uso de preposições, apresente uma certa hesitação, ora omitindo a preposição, ora empregando uma preposição diferente da prevista pela regência do português-padrão da língua portuguesa.

3.6 Ordem sintática – SVO e variações

Conforme já elucidamos na seção 2 deste artigo, a ordem dos constituintes maiores de uma sentença em Tikuna é flexível, e a ordem Sujeito Objeto Verbo (SOV) permite que se fale em vinculações em Tikuna e, especificamente, de vinculações e ordem SVO.

Tendo em vista a flexibilidade em relação à ordem de palavras em Tikuna, um modo de se chegar a uma variação de posicionamento entre os constituintes maiores de uma sentença é o seguinte: na língua Tikuna, os constituintes são ordenados segundo um parâmetro estrutural ou segundo uma variada manifestação casual. No que diz respeito ao parâmetro estrutural básico, este é núcleo final e se manifesta com predicação, atribuição de papéis temáticos e casos estruturais à esquerda. Já a manifestação casual inclui os casos estruturais (nominativo e acusativo), os casos morfológicos, casos via cadeia com clíticos e casos via modificação do verbo.

Veja, abaixo, exemplos de orações produzidas em Português pelos participantes da pesquisa em que há a manifestação de diferentes ordens em relação aos constituintes da sentença.

3.6 a) ...eles criavam os animais de vários tipos... naquele tempo (SVO) – (W.A.S./51. MASC.)
3.6 b)... não trabalha professore[ø] nossa língua (VSO) – (B.S.G./56. FEM.)
3.6 c)... pra tempo **pagar do professore[ø] do povo me[ø]mo** daqui (VOS) – (A.C.A./43. MASC.) 'naquele tempo o povo daqui mesmo pagava os professores'

Em Tikuna, a ordem sintática básica é SOV, no entanto, dada a flexibilidade na ordem dos constituintes, também é possível que sejam produzidas sentenças em Tikuna nas ordens SVO e OVS. Essa flexibilidade pode se refletir na forma como algumas frases em Português são ditas pelos falantes Tikuna, inclusive, apresentando outras ordens de constituintes, conforme ilustramos nas sentenças 3.6 a, 3.6 b e 3.6 c acima. A sentença 3.6 a, que segue a ordem SVO é semelhante a sentenças comumente utilizadas por falantes nativos de PB, no entanto, a sentença 3.6 b, não é tão comum na fala de nativos de PB, mais incomum ainda é a sentença 3.6 c.

3.7 Processos de hipercorreção: o acréscimo do sufixo plural –s

Conforme explicitamos na seção 2 deste artigo, na análise de Soares (1992a, 2000), a concordância em Tikuna é entendida como manifestação da relação de predicação, e não como algo que está contido em Flex, diferentemente do padrão estrutural do português. Essa diferença pode contribuir para que alguns falantes Tikuna, na tentativa de adaptar ao padrão da L2, empreguem a flexão com acréscimo de –s em itens lexicais que não necessitam de tal sufixo, causando a hipercorreção, conforme exemplificamos a seguir.

3.7 a) quatro ano[ø] estuda aí ***formás*** e ***terminas*** ensino médio. (F.A.D./56. MASC.) 'estudei quatro anos, aí formei e terminei ensino médio'
3.7 b) lá que eu ***aprendeus*** vários coisas. (M.F.C./41. MASC.)
3.7 c) agora vou falar um pouco a vida da minha **comunidades. (**P. B.M./33. MASC.)

Os dados apresentados nesta subseção ilustram o fenômeno da hipercorreção decorrente do contato linguístico. Nota-se que a inserção do sufixo –s ocorre de forma assistemática em categorias gramaticais distintas: ora marca uma flexão verbal inesperada, como em "formás", "terminas" (3.7a) e "aprendeus" (3.7b), ora estende-se ao sintagma nominal em posições não previstas pela norma padrão da L2, como em "minha comunidades" (3.7c). Esse comportamento evidencia que o falante, consciente da existência de uma regra de marcação de

plural ou de concordância no português que inexiste em sua língua materna, passa a supergeneralizá-la. Trata-se, portanto, de uma estratégia de monitoramento da fala em que a tentativa de aproximação do padrão da língua-alvo resulta em construções híbridas, reforçando a hipótese de que o sistema de concordância da L1 (Tikuna) molda a percepção e a reestruturação das categorias de Flex na L2.

4 Considerações Finais

A análise dos fenômenos morfossintáticos presentes na fala dos professores Tikuna evidencia que a variedade de português utilizada por esses falantes constitui um sistema linguístico marcado pela interação entre a estrutura da língua materna e os processos próprios da aquisição de uma segunda língua. As ocorrências descritas não representam desvios aleatórios, mas refletem padrões sistemáticos que podem ser compreendidos à luz das especificidades gramaticais do Tikuna, da atuação de estratégias universais de aquisição e, em determinados casos, da aproximação com variantes já registradas no português brasileiro.

Os resultados reforçam a necessidade de interpretar o português indígena em sua especificidade sociolinguística e histórica, considerando-o como produto legítimo de situações de contato linguístico e bilinguismo. Sob essa perspectiva, práticas pedagógicas e políticas linguísticas voltadas às comunidades Tikuna devem reconhecer tais particularidades, evitando interpretações pautadas por concepções deficitárias ou preconceituosas sobre o uso da língua.

Além de ampliar o conhecimento sobre o português indígena na Amazônia, este estudo pretende contribuir para o desenvolvimento de propostas de ensino de português como segunda língua mais sensíveis às realidades linguísticas locais e para o fortalecimento de uma educação intercultural que valorize os conhecimentos e as línguas dos povos indígenas. Espera-se, ainda, que a descrição aqui apresentada estimule novas pesquisas sobre outras dimensões estruturais e sociolinguísticas do português Tikuna, aprofundando a compreensão dos processos de contato linguístico e de suas implicações para a diversidade linguística brasileira.

Referências

AMADO, R.S. O português étnico dos povos Timbira. **PAPIA**. São Paulo, 25(1), p. 103-119, Jan/Jun 2015.

BAXTER, A. N. A Concordância de Número. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; e RIBEIRO, I. (Orgs.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, p. 269-293, 2009.

BAXTER, A. N. & LUCCHESI, D. A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil. **Estudos linguísticos e literários**, Salvador, n. 19, mar.1997.

BRAGA, M. L.; SCHERRE, M. A Concordância de Número no SN na área urbana do Rio de Janeiro. In: **Encontro Nacional de Linguística**, 1, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: PUC, p. 464-477, 1976.

BRANDÃO, S. F. Concordância Nominal em três Variedades do Português: Resultados Gerais, Novas Indagações. **Cuadernos de LA ALFAL**, N. 7, p. 36 – 52, 2015.

CHRISTINO, B. Gender agreement in Huni-Kuin Portuguese noun phrases. **PAPIA**, São Paulo, 25(1), p. 77-102, Jan/Jun 2015.

CHRISTINO, B.; LIMA E SILVA, M. Concordância verbal e nominal na escrita em Português-Kaingang. **PAPIA**, 22(2), p. 415-428, 2012.

CHRISTINO, B.; SILVA, A. M. A expressão de plural em Português Huni-Kuin: um exame dos sintagmas nominais. **Letrônica**. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 30-45, janeiro-junho, 2017.

EMMERICH, C. **A Língua de Contato no Alto Xingu**. Origem, Forma e Função. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1984.

FERNANDES, M. **Concordância nominal na região sul**. Dissertação (Mestrado) – UFRGS, Porto Alegre, 1996.

FERREIRA, C. da S. Remanescentes de um falar crioulo brasileiro. Diversidade do português do Brasil. **Estudos da dialetologia rural e outros**. Salvador: Centro Editorial e Didático, Universidade Federal da Bahia, 1994.

LOUREIRO, F. C. **Aspectos da Pluralização no Português de Contato do Alto Xingu**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

NIMUENDAJÚ, C. **The Tukuna**. Trad. William D. Hohenthal. Berkeley: University of California Press, 1952.

RIBEIRO, C. M. R. **Contato Linguístico e a Concordância de Número no Sintagma Nominal no português de Oiapoque/AP**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

RODRIGUES, A. D. Línguas ameríndias. **Verbete Língua da Grande Enciclopédia Delta Larousse**, v. 9, 1970.

SCHERRE, M. M. P. **A regra de concordância de número no sintagma nominal em Português.** Dissertação (Mestrado) PUC, Rio de Janeiro, 1978.

SCHERRE, M. M. P. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP)** - Norma e Variação do Português. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37-49. dez. de 1994.

SOARES, M.F. Traços acústicos das vogais em Tikuna. **Cadernos de Estudos Linguísticos** (UNICAMP), CAMPINAS, n. 07, p. 137-175, 1984.

SOARES, M.F. Alguns Processos Fonológicos em Tikuna. **Cadernos de Estudos Linguísticos** (UNICAMP), CAMPINAS, v. 10, p. 97-138, 1986.

SOARES, M.F. Marcação de caso e a atribuição de caso em Tikuna. **Cadernos de Estudos Linguísticos** (UNICAMP), CAMPINAS, v. 18, p. 79-114, 1990.

SOARES, M.F. Aspectos suprassegmentais e discurso em Tikuna. In: ORLANDI, E. (org.). **Discurso indígena**: a materialidade da língua e o movimento da identidade. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 45-138, 1991.

SOARES, M.F. Ordem de palavra: primeiros passos para uma relação entre som, forma e estrutura em tikuna. **Ameríndia**, n. 17, p. 89-119, 1992.

SOARES, M.F. **O suprassegmental em tikuna e a teoria fonológica**. Vol. I : Investigação de aspectos da sintaxe tikuna. Vol. II : Ritmo. Tese de Doutorado, UNICAMP, 1992a.

SOARES, M.F. **O supra-segmental em Tikuna e a teoria fonológica**. V.1. Investigação de aspectos da sintaxe Tikuna. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.

SOARES, M.F. Língua/linguagem e tradução cultural: algumas considerações a partir do universo Ticuna. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 3, n. 1, p. 51-63, jan-abr. 2008.

SOARES, M.F. A análise de Tempo em Ticuna (Tikuna) revisitada: questões sobre anáfora temporal e sequenciamento temporal. **Revista LinguíStica**, volume 13, número 2 [Gramática Gerativa: celebrando os 60 anos de Syntactic Structures (1957-2017)/ Generative Grammar: celebrating the 60th anniversary of Syntactic Structures (1957-2017), p. 290-312, Julho 2017.

SOUZA, J. C.; AMADO, R.S. Português como Segunda Língua entre os índios timbira: elementos dificultadores na aquisição verbal. **Estudos Linguísticos,** 40 (2), 2011. p. 595-602.

VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. Tipologia de Regras Linguísticas e Estatuto das Variedades/Línguas: a Concordância em Português. **Linguística**, v. 30 (2), p. 81-112, 2014.